



CORINHOS PENTECOSTAIS DA ASSEMBLEIA DE DEUS EM BELÉM: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE MUSICAL, CLASSIFICAÇÃO TEMÁTICA E DE FUNÇÃO LITÚRGICA

Jefferson Aloysio de Melo Luz
Doutorando do PPGArtes/ICA/UFPA

Este trabalho é parte de uma das etapas da pesquisa “Onde está aquele povo barulhento? Uma etnografia musical para compreender os Corinhos da Assembleia de Deus em Belém”. Os corinhos são um repertório musical com características peculiares e identitárias tradicionalmente vinculado a vertente evangélica pentecostal e tem sido tratado de maneira apenas tangencial nos trabalhos etnomusicológicos, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado. A pesquisa é uma investigação de cunho etnomusicológico sobre a natureza e funções, forma e estruturas musicais, significados e usos tradicionais dos “corinhos” na Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de Belém do Pará, mais precisamente no Templo Central (principal templo e sede desta denominação), e busca demonstrar a importância que este repertório tinha como elemento identitário de uma cultura, a qual tem passado por profundas transformações nos últimos 30 anos¹ (o que traz um peso de urgência à pesquisa pelo fato de este repertório estar em franco processo de desaparecimento²).

O objetivo do presente artigo, então, é apresentar uma análise musical e textual de uma amostragem de três corinhos retirados do repertório coletado em trabalho de campo para exemplificar como o trabalho metodológico nessa etapa da pesquisa está sendo aplicado.

Ao longo dos últimos dez meses foi compilado um repertório com quantidade considerável de corinhos -vinte e nove até agora - durante conversas informais e em momentos cúlticos fora do templo³. Uma postura informal e aberta a adaptações no processo de escuta e coleta de dados durante pesquisa de campo foi determinante para o desenvolvimento desta etapa do trabalho (LUHNING, 1991). O modelo de transcrição prescritiva tradicional (RIBEIRO, 2001) foi suficiente e adequado para o tipo de análise pretendida: identificar e compreender estruturas melódicas e formais

¹ A quantidade de trabalhos acadêmicos de diversas áreas de conhecimento que lidam com as transformações que as igrejas evangélicas no Brasil vem passando é enorme. Destaco aqui dois deles que lidam com o mesmo universo que comporta o objeto de pesquisa do presente trabalho: Todos juntos o louvamos: o canto congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu-PA (QUADROS, 2019) e Nem terno nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana (DELGADO, 2008).

² A situação de vulnerabilidade deste repertório não está referenciado aqui por simples falta de trabalhos que atestem isso. Essa afirmação sobre o desuso progressivo dos corinhos nas práticas religiosas dos pentecostais assembleianos é testemunho pessoal, do pesquisador que aqui escreve, que esteve por quase quarenta anos imerso integralmente nesta cultura.

³ Reuniões de cunho religioso dirigidas por pequenos grupos de mulheres, geralmente idosas, que se voluntariam para visitar a casa de membros da igreja que passam por quaisquer tipos de necessidades – são chamadas de Visitadoras



(SCLIAR, 2002) mais comuns que pudessem ser apontadas como característicos neste repertório. Também foi feita uma classificação textual com relação aos temas religiosos abordados nos corinhos e que teve como base uma *corinhologia* apresentada por Éber F. Lima (1991). São eles:

1- A Tua Graça é melhor que a vida

A Tu - a Gra - ça é me-lhor que a vi - da. A Tu - a Gra - ça
7 é me-lhor que a vi - da. Meus lá-bios Te lou - vam, e a Ti bem dir -
12 rei. — Em Teu no - me mi - nhas mãos le van ta rei.

2- A minha vida Jesus já transformou

A mi - nha vi - da Je - sus já trans - for - mou, eu pos - so te sau - dar com
8 a Paz do Se - nhor. A mi - vi - vi - da Je - sus já trans - for - mou, eu
14 pos - so te sau - dar com a Paz do Se - nhor. Se tu me a - mas de
20 to - do co - ra - ção me mos - tra teu sor - ri - so e a - per - te a mi - nha mão. Se tu me
27 a - mas de to - do co - ra - ção me mos - tra teu sor - ri - so e a - per - te a mi - nha mão.

3- De madrugada o crente vai buscar poder

De ma - dru - ga - da o cren - te vai bus - car Po - der. De ma - dru -
4 ga - da o cren - te vai bus - car Po - der. Vai, vai, vai, vai, os di - as são de
8 1. tra - vas com Do - der o cren - te vai 2. tra - vas com Do - der o cren - te vai



Sobre as características da estrutura tonal, melódica, métrica, de andamento, tessitura e forma é possível dizer que: a) Quanto a estrutura tonal os dois primeiros estão em modo maior enquanto o terceiro está em modo menor. Essa proporção de um terço (1/3) entre os modos maior e menor permanece quando se considera o número de corinhos coletados no trabalho de campo. b) As melodias caminham de forma previsível, seja através de graus conjuntos, sequencias de notas repetidas, ou de progressões motivicas simples. Quando há saltos, estes estão estruturados nos intervalos das tríades básicas que compõem o campo harmônico da tonalidade na qual estão, ou seja, com 3^{as} e 4^{as} justas. Não raramente são encontrados trechos com quiálteras e síncopas simples. c) Quanto a métrica, eles parecem ser baseados em compassos binários simples ou compostos, o que é uma característica típica dos ritmos de marcha e marcha rancho. d) Os dois primeiros corinhos são executados em andamento *allegro* enquanto o terceiro em andamento *andante*, e, enquanto amostragem, são representativos do restante dos corinhos coletados. e) Quanto à tessitura todos parecem ter sido construídos de modo a poderem ser cantados sem maiores exigências vocais. f) Como são estruturas muito pequenas a forma se resume a estruturas binárias quase sem contraste entre as partes. Talvez seja por isso que muitas vezes esses corinhos são cantados em sequência, sem intervalos de tempo entre eles durante a liturgia do culto.

O último aspecto importante a ser considerado é a temática religiosa abordada nos textos dos corinhos. Lima (1991) faz uma tentativa de classificação dos cânticos mais populares nas igrejas evangélicas em sua época debaixo do que ele denominou de *corinhologia*, que na verdade é uma alusão jocosa ao termo *hinologia*, que,

...“por definição, é o estudo dos hinos ou, como será preferível chamá-los, cânticos litúrgicos. Dedicar-se fundamentalmente ao estudo dos textos desses cânticos, mas considera também formas e estilos”. (MONTEIRO, 2015)

Ele cria este neologismo reconhecendo que os corinhos têm ocupado um espaço considerável na liturgia da maioria das igrejas evangélicas no Brasil, porém o faz para apresentá-los como uma forma de caricatura musical em relação à tradição da hinódia protestante:

A expressão “*corinho*”, pelo próprio uso do diminutivo, quer demonstrar que ele é uma simplificação do simples; ou seja, dos coros, das canções mais populares até então usadas pela igreja. (LIMA, 1991, p. 55)

Para a finalidade deste trabalho, além de me utilizar deste termo, farei uma classificação temático-textual usando categorias com terminologias mais adequadas



às especificidades deste repertório⁴. Em seguida vou levantar hipóteses sobre a função litúrgica desses corinhos. Três temáticas principais podem ser encontradas nos corinhos pentecostais: **corinhos de celebração e louvor**, **corinhos de comunhão**, **corinhos de poder**⁵.

Nos **corinhos de celebração e louvor** são destacados os benefícios espirituais recebidos pelo crente em consequência da sua salvação e comunhão com Cristo – paz de espírito e alegria interior em meio a circunstâncias adversas; esperança e consciência limpa firmadas nas promessas futuras e nas obras de Deus realizadas na história – a obra de Cristo realizada na Cruz e as mudanças em sua própria vida como resultado da sua fé nessa obra. O primeiro corinho apresentado aqui é um exemplo dessa categoria:

*A Tua Graça é melhor que a vida. A Tua Graça é melhor que a vida.
Mus lábios Te louvam e a Ti bem direi. Em Teu nome minhas mãos
levantarei.*

Os **corinhos de comunhão** promovem um momento de interação fraternal entre os crentes presentes no culto durante a sua execução, além de reafirmarem sua identidade como cristãos evangélicos pentecostais. Esse é o caso do segundo corinho:

*A minha vida Jesus já transformou, eu posso te saudar com a Paz do
Senhor.
Se tu me amas de todo o coração me mostra teu sorriso e aperte a minha
mão.*

Os **corinhos de poder** descrevem as disciplinas espirituais que os crentes devem exercer afim de receberem o poder do Espírito Santo, sendo essa a principal característica reivindicada pelos evangélicos pentecostais como elemento distintivo das outras tradições protestantes. É o caso do terceiro corinho:

*De madrugada o crente vai buscar poder.
Vai, vai, vai, vai. Os dias são de trevas, sem poder o crente cai.*

Quanto ao uso e função dos corinhos pentecostais, *a priori* eles parecem ser de natureza exclusivamente litúrgica. Diferentemente dos hinos, que são cantados tanto de forma coletiva dentro da liturgia, quanto individualmente, no cotidiano ordinário dos crentes, os corinhos encontram seu uso apenas dentro do serviço religioso, ou seja, dentro do culto. Apesar de, entre as demais vertentes cristãs evangélicas, o culto pentecostal ter como característica fundamental a espontaneidade da expressão individual na adoração coletiva, nele existem partes razoavelmente fixas além de uma estrutura previsível e esperada em sua liturgia (SIQUEIRA, 2018; CABRAL, 2011). É entre essas partes que os corinhos pentecostais, na maior parte das vezes, são executados. Mas não acredito que eles podem ser considerados

⁴ As categorias que utilizo aqui não são as mesmas usadas por Lima (1991) – Cânticos do monopólio do Espírito; Cânticos da guerra santa e cânticos do andar de cima; pois os corinhos pentecostais são um repertório de características distintas daqueles abordados por ele.

⁵ Há outras categorias, como **corinhos de serviço** e **corinhos do porvir**, que não estão presentes neste trabalho apenas por limitação circunstancial.



apenas como um repertório útil para momentos de transição litúrgica. Eles também cumprem o papel de orientar a fé, ou os afetos espirituais dos fieis na direção de alguns dos atos de culto que acontecem no decorrer do serviço religioso, principalmente do ofertório, dos momentos de recepção e comunhão e do apelo ao arrependimento de pecados. Por outro lado, eles também acabam reforçando a noção de espontaneidade litúrgica do culto pentecostal pelo fato de não serem escolhidos ou selecionados durante uma preparação prévia do serviço de culto, normalmente feita pelo oficial religioso responsável (Pastor ou Dirigente da Congregação⁶). A escolha do oficial religioso sobre qual corinho será cantado é “feita de momento”, ou seja, acontece exatamente no momento que antecede a sua execução, e é imediatamente assentido e cantado por toda a congregação.

Os três corinhos que apresento aqui como amostragem reúnem os elementos musicalmente estruturais e de função religiosa mais fundamentais e essenciais para caracterizar este repertório peculiar ao povo pentecostal assembleiano, e o caminho metodológico que percorro com eles aqui ainda constituem parte preliminar do trabalho etnomusicológico propriamente dito.

Palavras chave: análise musical; corinhos pentecostais; etnomusicologia;

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, cujo apoio possibilitou o desenvolvimento deste trabalho.

BIBLIOGRAFIA

CABRAL, Elienai. **Lição 8 – O genuíno culto Pentecostal**. Revista Lições Bíblicas, Jovens e Adultos, 2º Trimestre de 2011. CPAD: Rio de Janeiro – RJ, 2011.

DELGADO, Jaime Silva. **Nem terno nem gravata: as mudanças na identidade pentecostal assembleiana**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2008. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5295>. Acesso em: 25/11/2019.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. **Reflexões sobre a “corinhologia” brasileira atual**. Boletim Teológico nº 14. Fraternidade Teológica Latino-americana: Porto Alegre – RS, 1991. p. 53 – 64.

LÜHNING, Angela Elisabeth. **Métodos de trabalho na etnomusicologia: reflexões em volta de experiências pessoais**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 22, n.1/2, 1991, p. 105-126.

QUADROS, Diego Oliveira. Todos juntos o louvemos: o canto congregacional na Assembleia de Deus, em Viseu-PA. Orientadora: Sonia Chada. 2019. 80 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11374>. Acesso em: 25/11/2019

RIBEIRO, Hugo Leonardo. **A análise musical na Etnomusicologia**. Ictus, vol. 4, 2002. Disponível em: http://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ribeiro-analise_musical_etnomusicologia.pdf Acesso em 25 de novembro de 2019.

⁶ Título usado pelas pessoas responsáveis pela administração religiosa dessas comunidades.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA

SCLAIR, Esther. **Fraseologia musical**. Ed. Movimento: Porto Alegre – RS, 1982.

SIQUEIRA, Gutierres Fernandes. **A Liturgia Pentecostal**. Teologia Pentecostal – Reflexões sobre a doutrina e espiritualidade do pentecostalismo, 2016. Disponível em: <https://teologiapentecostal.blog/2016/08/28/a-liturgia-pentecostal/> Acesso em: 25/11/2019.